

# Unemployment and the real wage: the economic basis for contesting political ideologies

Amit Badhuri e Stephen Marglin  
Apresentado por: Fernando de Faria Siqueira

Universidade de Brasília

05/09/2011

- 1 Introdução
- 2 A economia fechada
- 3 A economia aberta
- 4 Conclusões

# Introdução

O efeito de variações nos salários têm um caráter faca de dois-gumes:

Por um lado aumenta os custos de produção, por outro provê maior poder de compra aos trabalhadores.

Nos seus papéis contraditórios como o elemento principal de custo de produção (variável) e como uma considerável fonte de demanda, movimentos na taxa de salário tem um complexo, até ambíguo efeito no nível de emprego e produto.

Isso leva a considerar a existência de diferentes pontos de vista com relação à relação entre salários e desemprego e, ao mesmo tempo, cria uma base econômica para sustentar diferentes ideologias políticas quanto à condução da economia capitalista.

O objetivo central desse artigo é desenvolver um framework macroeconômico capaz de tratar a relação entre desemprego e salários compatíveis com essas diferentes ideologias políticas.

A análise é conduzida à luz de uma perspectiva keynesiana que reconhece a importância da demanda efetiva.

No modelo de Keynes na Teoria Geral (1936), os salários são considerados como variável endógena:

$$I \Rightarrow \text{Demanda Efetiva} \Rightarrow Y \Rightarrow W/P(PMgL)$$

Como diz Solow, uma vez que, nesse modelo, os salários são codeterminados com o nível de produto ( e não determinantes do último), não há sentido em tratá-lo como exógeno.

Nesse paper, a tradição de adotar o salário com endógeno não foi seguida por duas razões:

Primeiramente, para examinar a conexão entre salário real e desemprego, é necessário estabelecer experimentos de pensamento. Segundo, em uma economia aberta, variações no salário real podem ser factíveis através de algumas políticas como ajustamento na taxa de câmbio.

## A economia fechada

Em uma economia sem significativo comércio exterior e atividade governamental, gastos privados com consumo e investimento são os principais agregados macroeconômicos.

A visão subconsumista, que precede Marx, enfatiza a necessidade de estimular o consumo via altos salários reais.

Já Keynes compartilha da ideia de que o incentivo ao investimento, principalmente o investimento público, é um método alternativo no sentido de expandir demanda agregada e produto.

$$S = sR = s(R/Y)(Y/Y^*)Y^* \quad (1)$$

$$S = shz, Y^* = 1 \quad (2)$$

$$p = (1 + m)bw \quad (3)$$

Dado  $z, L/K = \text{constante}$

Ignora todas as complexidades no processo de trabalho.

Ignora os problemas de pessoal permanente.

$$h = m/(1 + m), dh/dm = 1/(1 + m)^2 > 0 \quad (4)$$



$$(1 + m)(w/p) = (1 - h)^{-1}(w/p) = (1/b) \quad (5)$$

$$I = I(h), Y^* = 1 \quad (6)$$

$$shz = I(h) \quad (7)$$

$$dz/dh = (I_h - sz)/sh, I_h = (dI/dh) > 0 \quad (8)$$

A equação (8), descrevendo as propriedades (locais) da curva IS, explica porque a tese subconsumista pode ou não ser validade em uma economia fechada.

Quando investimentos respondem relativamente fracamente a mudanças na margem/parte de lucro (i.e.  $I_h < sz$ ), o decréscimo em consumo causado por por um menor salário real e maior profit share não é compensado inteiramente por um aumento nos investimentos.

Consequentemente, demanda agregada decresce ao passo que  $w/p$  decresce, resultando em uma relação inversa entre profit share ( $h$ ) e capacidade produtiva.

Os dois modos de expandir o produto sugerido por Keynes se tornam analiticamente conectados a variações exógenas dos salários reais e distribuição de renda entre as classes.

Duas observações concernentes a essa análise:

Primeiro, a ideia convencional de que existe uma relação inversa entre nível de produto (capacidade produtiva) e salários reais proposta por Keynes e pelos neoclássicos só é obtida no caso particular de expansão à la profit-led.

Segundo, a função investimento na equação (6) pode ser considerada implausível ao ponto em que, a taxa de lucro, e não a margem é normalmente considerada uma variável crucial para a determinação de investimentos.

$$r = R/K = (R/Y)(Y/Y^*)(Y^*/K) = hza \quad (9)$$

O pressuposto de que o investimento depende somente da taxa de lucro é teoricamente insatisfatório, uma vez que não vai além dos principais constituintes dessa última variável.

Uma função investimento que depende simplesmente da taxa de lucro é insensível à influência de um nível de utilização de capacidade. Por exemplo, essa visão ignora a hipótese de que a uma margem de lucro elevada, investidores podem não estar inclinados a investirem mais pois um excesso massivo de capacidade já existe.

$$I = I(h, z); Y^* = 1; \quad I_h > 0 \quad I_z > 0 \quad (10)$$

Essa função investimento tem a vantagem de separar o impacto da demanda através do efeito acelerador de uma capacidade produtiva maior do impacto da oferta, este último agindo pela redução de salários reais ou aumento de margem de lucro. Uma vez que  $h$  e  $z$  também entram na função poupança, é possível capturar os efeitos duais de uma variação em  $w/p$  pela reconstrução da curva IS.

$$shz = I(h) \quad (11)$$

$$dz/dh = (I_h - sz)/(sh - I_z) \quad (12)$$

A suposição de que a poupança é mais sensível que o investimento com relação a  $z$  faz com que o denominador de (12) fique positivo.

Assim, a análise de casos segue a mesma:

- Wage-led se investimento responde marginalmente com alterações em lucratividade.
- Profit-led se investimento reage fortemente frente mudanças na margem de lucro.

A análise é feita com a curva IS de Hicks modificada, em que a taxa de juros é trocada pelo profit-share. Nesse caso wage-led, a curva IS é negativamente inclinada.

A distinção entre os regimes estagnacionistas e exiliracionistas traz à tona a possibilidade de expansão econômica que pode beneficiar duas classes totalmente diferentes. Ao longo de toda a curva IS no modelo wage-led, um salário real mais alto implica maior utilização de capacidade produtiva e maior nível de empregos.

Isso quer dizer um inquestionável ganho para os trabalhadores em termos de taxa de salários e folha salarial. Entretanto, esse ganho não implica em perdas para os capitalistas. O capitalismo não é um jogo de soma zero.



A despeito de um salário real mais alto e uma menor margem de lucro, capitalistas podem continuar tendo lucros totais mais altos ao passo que o aumento do volume de produção mais que compensa a queda da margem de lucro por item vendido.

Esse caso é conhecido como capitalismo cooperativo é somente é obtido se a resposta do valor normalizado dos lucros totais tiver uma relação negativa com o profit-share.

$$d(hz)/dh < 0 \quad \text{ou} \quad - (h/z)(dz/dh) > 1 \quad (13)$$

A condição de elasticidades é:

$$z l_z > h l_h \quad (14)$$

O que requer que investidores devem responder de maneira mais forte com relação a variações na capacidade do que na margem de lucro.

Decerto existem limites para o capitalismo cooperativo, é o que se chama de profit-squeeze.

No curto prazo, a diminuição de lucros pode trazer falta de coesão para os interesses econômicos dentro da própria classe capitalista, especialmente se a perda de lucros for mal distribuída entre os diferentes setores da economia. O problema de uma política de altos salários pode estar não somente na cooperação entre capital e trabalho mas também entre o próprio capital.

Existe o medo de que o crescimento por wage-led possa causar em uma inadequada taxa de expansão na capacidade produtiva com o passar do tempo. Uma crise de subacumulação pode surgir se a capacidade produtiva persiste em perder força frente ao crescimento da força de trabalho. Isso pode resultar em desemprego estrutural.

$$(h/z)(dz/dh) > h/(1 - h) \quad (15)$$

Com essa condição, se tem o estado exilacionista, onde um decréscimo nos salários reais aumenta a utilização de capacidade suficientemente para aumentar a folha salarial, criando então, espaço para cooperação entre as classes.

Desse modo, uma vez que o aumento da folha salarial é obtido reduzindo os salários daqueles já empregados, pode haver conflito entre os insiders e outsiders.

Esse regime, portanto, não reflete simplesmente o conflito entre capitalistas e sindicatos sobre questões distributivas. Mais ainda, pode criar tensões intra-trabalhistas, permitindo aos capitalistas dividir para reinar.

De maneira análoga, uma crise de superacumulação pode surgir se a capacidade produtiva se expandir desproporcionalmente com relação à força de trabalho. Excesso de capacidade estrutural que não origina de deficiência de demanda efetiva (em termos keynesianos) pode se tornar maléfico no sentido de aumentar a rivalidade intra-capitalista.

## A economia aberta

Consideramos que em uma economia fechada, uma diminuição em  $w/p$  diminuiria o consumo mas estimularia o investimento, aumentando o profit share no curto prazo.

Entretanto, esse pensamento é problemático ao passo que o investimento, especialmente em equipamentos de vida longa, tende a responder com maior cautela a uma mudança em  $h$  em comparação com o consumo.

Logo, o efeito depressivo no consumo não pode ser acompanhado imediatamente com respostas positivas no investimento justamente pela diferença entre tempos de ajustes nessas variáveis.

Tendo em vista que exportações e importações podem ter respostas mais rápidas em relação ao investimento, é possível refazer a curva IS em uma economia aberta. Cabe ressaltar a existência da curva J, em que a depreciação da moeda nacional não traz variações positivas nas exportações líquidas instantaneamente. Mesmo assim, essas últimas são mais sensíveis que o investimento.

$$\theta = (vp_f)/p \quad (16)$$

$$(d\theta/\theta) = (dv/v) - (dp/p) \quad (17)$$

$$dh = (1-h)[(dp/p) - \lambda(dw/w) - (1-\lambda)(dv/v)], \lambda = (bw)/(bw + kp'_f v) \quad (18)$$



$$p = (1 + m)(bw + kp'_f v) \quad (19)$$

$$(dX_e/d\theta)(\theta/X_e) = n_e, \quad n_e > 0 \quad (20)$$

$$X_m = X_m(\theta, z); \partial X_m/\partial \theta, \quad \partial X_m/\partial z > 0 \quad (21)$$

$$(\theta/X_m)(\partial X_m/\partial\theta) = -n_m, (z/X_m)(\partial X_m/\partial z) = u, n_m, u > 0 \quad (22)$$

$$shz + M = I(h, z) + E \quad (23)$$

$$dz = [D^{-1}(I_h - sz)dh] + [D^{-1}gz(n_m + n_e - 1)(d\theta/\theta)] \quad (24)$$

onde,  $D = (gu + sh - I_z)$

O primeiro termo entre chaves mostra o efeito na utilização de capacidade através de mudanças no profit share, correspondendo ao mesmo caso da economia fechada.

O segundo termo em chaves é o efeito via comércio a mudanças na competitividade internacional de preços. Ou seja, uma depreciação cambial combinada com a condição de elasticidades (Marshall-Lerner), ceteris paribus, aumenta  $z$ .

Assim, se desvalorização resultar em uma melhora na competição internacional de preços ( $d\theta > 0$ ), e também em um profit share maior ( $dh > 0$ ), então (17) e (18) implicarão em ( $dv/v > (dp/p) > (dw/w)$ ), i.e. um salário real menor resultante de desvalorização.

Logo, a estratégia de abaixar os salários reais através de uma desvalorização de modo a aumentar a competitividade internacional em preços( $\theta$ ) e profit share( $h$ ) pode estimular a utilização de capacidade inequivocamente se o regime é exilacionista.

De outra forma, se o regime é estagnacionista, o efeito é ambíguo. Não obstante, quanto maior é a abertura do país frente ao comércio exterior, indicada por  $g$ , assim como quanto mais altos (em termos absolutos) forem os valores das elasticidades, mais importante se torna o efeito comércio.

E se esse efeito dominar quantitativamente o termo negativo no primeiro colchete em (24), a economia sai de um regime estagnacionista para um exiliracionista. Em outras palavras, um efeito comércio dominante tende a fazer a lógica estagnacionista irrelevante em um mundo caracterizado por alta interdependência em termos de intercâmbio de bens e serviços.

Esse paper foi motivado pela tentativa de demonstrar que a teoria keynesiana, que enfatiza a centralidade da demanda efetiva ao invés de problemas no lado da oferta, tem um alcance tanto teórico quanto político do que se é reconhecido.

Modelos particulares como o capitalismo cooperativo, enunciado pelos keynesianos de esquerda ou aqueles conservadores que acreditam que estímulos positivos são dados à economia quando se tem baixos salários e alta lucratividade se encaixam no modelo teórico geral de cunho keynesiano.